

**Universidade Federal Fluminense
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia
Departamento de História
Laboratório de História Oral e Imagem
Curso de História Oral – 2º. Semestre/2003
Profª. Hebe Maria Mattos**

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM HEROÍNA DE OLIVEIRA LOPES

Entrevistada: Heroína de Oliveira Lopes

Entrevistadores: Amina Vergara, Ana Paula Barcelos, Mariana Fonseca, Silvana Siqueira e José Luiz Quental.

Data da entrevista: 05/12/2003

Introdução (Ana Paula): Hoje é dia 5 de dezembro, nós estamos no Morro São Lourenço, na Ladeira de São Lourenço. Nós somos a Ana Paula e a Amina. Estamos entrevistando a Dona Heroína para o curso de História Oral do LABHOI no 2º semestre de 2003.

H.- Heroína Oliveira

A.- Amina Vergara

AP.- Ana Paula Barcelos

M.-Mariana Fonseca

S.-Silvana Siqueira

JL.- José Luiz

H.: Ladeira São Lourenço.

AP.: Qual o nome da senhora?

H.: Heroína com H, H maiúsculo [risos de todos].

AP.: Quantos anos a senhora tem?

H.: Eu?

AP.: Qual a sua idade? É.

H.: Tenho setenta e cinco.

AP.: Setenta e cinco anos?

A.: A senhora nasceu aqui?

H.: Nasci aqui, casei aqui e fiquei morando aqui toda a vida até hoje.

AP: Toda a vida?

H.: Até quando Deus quiser [risos de todos]

AP.: Toda a vida?

H.: Toda a vida.

AP.: Eh... Como é que era/Como é que é a sua vida aqui no bairro? O seu dia-a-dia?

H.: Bem, bem. Me dou bem com os vizinhos...

AP.: Se dá bem com todo mundo?

H.: Os vizinhos são bons?

AP.: Conhece todo mundo?
H.: Conheço todo mundo e todo mundo me conhece, sou procurada, todo mundo vem na minha casa.
AP.: É? Coisa boa...
AP.: A senhora vai ali na Igreja?
H.: Vou à missa todo domingo.
AP.: É?
H.: Todo domingo. 9:30h, a missa.
AP.: É? Então tá bom.
A: E... E os seus pais D. Heroína? Eles nasceram aqui também?
H.: Não. Pai morreu, mãe morreu.
A: Mas, eles nasceram aqui?
AP.: Eles nasceram aqui?
H.: Nasceram.
A: Nasceram os dois aqui?
H.: Os dois.
A: Seu pai e sua mãe?
H.: Morreram aqui comigo.
AP: Foi?
H.: Eu fiquei com eles até o final da vida deles.
AP.: Com quantos anos eles faleceram?
H.: Aí não me lembro mais [riso].
AP.: Eles nasceram onde? Aqui?
H.: Aqui mesmo. Pela minha idade, né?
AP.: [risos]
A: E os seus avós? Eles nasceram aqui ou vieram de outro lugar?
H.: Ah, não. Avó eu não me lembro, não.
A: A senhora não lembra não?
AP: A senhora não lembra dos seus avós?
H.: Não. Eu era pequena, né?
AP.: É? Não lembra se eles eram estrangeiros ou brasileiros mesmo?
H.: Ah, não. Brasileiros.
AP: Eram brasileiros?
H.: Brasileiros. Todos dois eram brasileiros.
AP.: Quantos irmãos a senhora tem?
H.: Eu tenho, eh...
AP.: Ou teve...
H.: Não. Três.
AP.: Três irmãos?
H.: São duas irmãs e um irmão.
AP.: É? Estão vivos ainda?
H.: A irmã é viva. Agora, o irmão morreu.
AP.: E... Como é que é a vida deles? Eles moram aqui ainda ... a que está viva ou foram embora daqui?
H.: Não. Meu irmão mora lá no Barreto, sozinho, independente [riso].
AP.: Hã?
H.: E minha irmã também mora sozinha.

A: Mora onde?
H.: Mora em Volta Redonda.
AP.: É?
H.: É.
AP.: Eh... Os seus pais, eles se conheceram aqui no bairro também?
H.: Também.
AP.: Se conheceram aqui e ...
A: O seu pai trabalhava em que?
AP.: É.
H.: Trabalhava lá no dique do comércio, lá na Ponta da Areia.
A: Na Ponta da Areia?
H.: É.
AP.: Trabalhava no...
H.: No dique.
A: Dique.
AP: Ah...
H.: Lá perto do estaleiro, né?
A: Ah tá.
H.: Sabe onde é Ponta da Areia?
AP.: Ahã, sei.
AP.: E a sua mãe? Ela era dona de casa?
H.: Minha mãe era lavadeira.
AP.: Lavadeira?
H.: Lavava pra fora [risos]. Criou a gente com sacrifício lavando pra fora.
AP.: É mesmo?
H.: É.
AP.: Então desde que a senhora nasceu que eles trabalhavam... o seu pai no dique e a sua mãe era lavadeira?
H.: Isso, isso.
AP.: Eh... Como é que era a sua infância? A senhora viveu aqui, né? A vida toda. Como é que era a sua infância aqui no bairro?
H.: Bem. Me dando com todo mundo. Bem.
A: O que vocês gostavam de fazer? Como é que era a pracinha aqui?
H.: Como é que era a pracinha?
A: Como é que era? É.
H.: Pracinha... [silêncio]
A: De chão, assim...
H.: Não. A gente brincava todo mundo ali reunido, aquela moçada, né?
AP.: Era? Brincava reunido? Brincavam de que? De que vocês brincavam?
H.: Brincava ali. Esse negócio de pique-pique e ... chicotinho tá na mão [risos de todos]. Tá no pé. Bota o mato ali atrás do rodo [risos]. Tinha uma brincadeira assim, né?
AP.: Era?
H.: Bom... antigamente era assim, é.
AP.: Antigamente era bom, né?
H.: Ah, a amizade era unida, a moçada...
H.: É... Todo mundo saía, ia brincar na rua, né?
H.: Podia, podia brincar ali à vontade.

AP.: Ahã. E a senhora tinha muitos amigos quando era criança?
H.: Tinha...
AP.: A senhora saía do bairro?
H.: Tinha e ainda tenho[risos].
AP.: A senhora saía do bairro quando era criança ou brincava só aqui?
H.: Não. Brincava ali naquela redondeza¹, todo mundo ali junto.
AP.: É? Todo mundo junto?
H.: É. Aquela amizade ali dos vizinhos.
AP.: Tem ainda as pessoas, suas amigas de hoje, tem algumas que são daquela época ainda?
H.: Tem. São vivas ainda.
AP.: É. E...
A: Qual o nome delas?
H.: Hã?
A: Quais são as suas amigas ainda hoje?
H.: Olhe..., tem Regina, eh..., Nininha, Nilda, são tudo irmãs, né?
A: Ah tá.
H.: Mora ali, do lado de lá.²
AP.: É? Todo mundo. E na escola? A senhora estudava? A senhora estudou, eh..., a senhora estudou quando era criança aqui no bairro mesmo com essas mesmas pessoas?
H.: É. Aqui mesmo. Mesmas pessoas. São tudo colega de escola.
AP.: E como é que era na escola?
H.: Estudava a gente, todo mundo junto.
AP.: Todo mundo junto?
H.: Quando vinha, vinha todo mundo junto.
AP.: [risos]
H.: Um olhava a outra, vigiava as outras.
AP.: É?
H.: Era amiga, né?
AP.: Era amiga, né. E os professores eram daqui ou vinham de fora dar aula?
H.: Não. Os professores não eram daqui não.
AP.: Não eram daqui não?
H.: Eram de lá do Rio.
AP.: Eram do Rio? Que vinham dar aula aqui?
H.: É.
AP.: Ah, sei.
A: Onde que era a escola? Que era a escola?
H.: [silêncio]
AP.: Qual era a escola que a senhora estudava? O nome da escola? A senhora lembra?
H.: Eh... Aqui, José Bonifácio.
A: Ah..., José Bonifácio?
H.: É. Eu sei né.
AP.: Está no mesmo lugar ainda a escola?
H.: José Bonifácio? Tá.

¹ Entrevistada aponta em direção à praça da Igreja de São Lourenço.

² Entrevistada aponta em direção à casa de sua amiga.

AP.: Hoje? A que a senhora estudou?
H.: Tá ali. É.
AP.: Nossa.
AP.: E a festa de São Lourenço quando vocês eram crianças? Como é que era? A senhora lembra? Aproveitava muito? Brincava?³
H.: Sai procissão. Sai procissão.
AP.: Ahã.
H.: Todo ano sai procissão de São Lourenço.
AP.: Naquela época também...
A: A senhora lembra quando a senhora era criança? Da festa?
H.: Lembro. A festa era boa.
A: Era boa?
AP.: Vinha muita gente de fora? Para a festa?
H.: Vinha. Vinha. O pessoal vinha.
AP.: É? E as autoridades da cidade? Vinham? Quando a senhora era criança vinham as autoridades?
H.: Vinham. Pessoas de lá da Assembléia.
AP.: É? Da Assembléia?
H.: Todo mundo ficava ali, nos carros ali tudo em volta.
AP.: Ahã. E era bom? Vocês gostavam?
H.: Era ótimo.
AP.: Era ótimo?
H.: Tirava retrato, todo mundo, ali na praça.
AP.: Era?
H.: A gente fazia uma farra.
A: [risos]
AP.: Ahã.
AP.: Eh... E o Carnaval? As festas que tinham por aqui, o Carnaval? A senhora aproveitava?
H.: Aproveitava. Todo mundo saía junto pra brincar.
AP.: É? Vocês brincavam de que no Carnaval? A senhora lembra?
H.: A gente saía no bloco[risos].
A e AP.: No bloco.
H.: Aquela moçada tudo junto.
AP.: Era? Eh... e tinha no bonde? Vocês, eh...? Parece que tinha um bonde, né?
H.: Ah, naquele tempo tinha bonde sim.
AP.: E vocês aproveitaram muito?
A: O Carnaval no bonde.
H.: Ah, a gente pegava o bonde e ia lá pra São Gonçalo [riso], voltava todo mundo junto. Ninguém se perdia um do outro, né? Todo mundo vigiava o outro. Tinha que voltar tudo junto. As mães, né, tudo, dizia: “Vem todo mundo junto, hein.”
A: A senhora tinha quantos anos mais ou menos?
H.: Hã... Olha, eu me casei com vinte e três anos, eu devia de ter uns...quatorze, quinze anos, né?
AP.: A senhora se casou com vinte e três? Quantos filhos a senhora teve?

³ Confusão de vozes.

H.: Só ela.⁴
AP.: Só ela?
H.: É. Porque eu não quis mais, né?
AP.: Não quis mais?
H.: Não.
AP.: Vida difícil, né?
H.: Ah é. Não dava, né? A gente pobre não pode ter muito filho não, gente. Tem muito filho quem quer, né? Aí né, fomos, procuramos um meio pra não, né?...
AP.: Ahã. Pra não ter mais?
H.: É. Por causa da dificuldade, né?
AP.: Sei. A senhora planejou, né?
H.: É. [incompreensível]
H.: O marido concordou, né? Que, né?...
AP.: Quando a senhora era criança, a senhora lembra se a sua família comentava alguma coisa do aldeamento, falava muito de Araribóia?
H.: Ah, Araribóia é muito falado.
AP.: Falava do bairro?
H.: E a festa de Araribóia também é muito falada.
AP.: É falada? Você lembra o que é que seus pais falavam quando a senhora era criança?
H.: Ah, ali tem um museu, né?
A: Ahã.
H.: Tem tudo escrito ali.⁵ Vocês não entraram na Igreja não? Pra ver?
AP.: Ah, a gente vai entrar ainda.
H.: Hã. Porque dona Dodora ali, ela é que tem a chave para abrir a porta. A porta da Igreja para entrarem.
AP.: É.
H.: O pessoal pode entrar lá.
AP.: E o dia de Araribóia? Vocês comemoravam muito quando eram crianças?
H.: Fazia aquela festa...
AP.: E... os políticos do município...
H.: Todo mundo vinha.
AP.: Se empenhavam nesta festa também?...
H.: Ah, também, vinha.
AP.: Valorizavam essa festa?
H.: Ia na missa. Vinham.
AP.: Ahã. Sei.
AP.: Agora, vamos falar um pouco, eh, da sua passagem pra vida adulta.
H.: Hã...
AP.: É. Quando a senhora se tornou adulta.
A: Como era esse negócio de namoro? Seus pais...
H.: Namorava dentro de casa, dentro de casa.
AP.: Mas, permitiam namorar?
H.: Permitiam. Davam consentimento e era em casa, né?
AP.: É?

⁴ Entrevistada aponta em direção à filha doente sentada numa cadeira de rodas na varanda.

⁵ Entrevistada aponta novamente para a praça.

H.: A gente era muito presa, minha mãe prendia muito.
A: E a senhora conheceu como o seu marido?
H.: É que ele morava aqui perto de casa.
AP.: Ele também é daqui?
H.: É daqui.
Silvana⁶: Vocês já se conheciam desde pequenos?
H.: Nós se conhecia desde pequeno.
AP.: Hã...
H.: Era tudo do lugar.
AP.: Todo mundo do lugar.
H.: Todo mundo do lugar.
AP.: Quanto tempo vocês namoraram? Até casar.
H.: Ah...eu namorei cinco anos.
AP.: Cinco anos? Então, dos dezoito aos vinte e três.
H.: É. Aí casei com vinte e três anos. Eu casei no dia de São Sebastião [risos] e o nome dele era São Seba... era Sebastião também. Ah viu? Tudo certo, né?
AP.: Tudo certo viu?
H.: Coincidência, né?
AP.: É, coincidência.
M.: A senhora se casou aqui nessa Igreja?⁷
H.: Não. Nós casamos ali na Igreja de Santana, no Ponto Cem Réis.
AP.: Eh... houve muitas mudanças, a senhora reparou se houve algumas mudanças da infância para sua idade adulta, muitas mudanças no bairro, na estrutura do bairro, nas pessoas, mudaram muito as pessoas daqui?
H.: Bom. Aquela Igreja não era assim, né? Porque é modificação, né?
AP.: Foi reformada?
H.: Foi reformada, pintaram tudo direitinho, né? Eu com essa idade eu me lembro de tudo.
A.: É.
H.: Setenta e cinco anos, né?
Todos: É.
H.: Ah, eu sei que vocês tão me estranhando...
[risos de todos]
AP.: É que a gente precisa da informação.
H.: Eu sei. É o dever de vocês, né?
AP.: Ah, obrigada. [risos]
H.: A memória tá boa. [risos]
A.: Dona Heroína, a senhora morava com seus pais...
H.: Morava aqui com meus pais, fiquei aqui com meus pais até eles morrer.
A.: E aí..., quando a senhora casou o seu...
H.: Casei dentro de casa, aqui, veio o pessoal todo, a vizinhança.
AP.: Foi aqui seu casa... a festa?
H.: Foi. A festa foi aqui, mas eu casei lá na Igreja, tirei o retrato lá na Igreja.
AP.: É. [risos]
[confusão de vozes]

⁶ Uma das componentes do grupo que estava presente, mas não agiu o tempo como entrevistadora.

⁷ Uma das componentes do grupo também presente na entrevista.

A.: E essa é a casa que a senhora nasceu, morou com os seus pais, casou e ficou aqui?
 AP.: E ficou aqui?
 H.: Fiquei aqui mesmo, até hoje eu... eu nunca mais saí.
 A.: Não se mudou...
 H.: Não, não me mudei daqui pra outro lugar não. Minha irmã que foi embora, porque o namorado dela era de Volta Redonda, né.
 AP.: Aí ela foi embora?
 H.: Aí ela falou assim: -“Agora fica por sua conta, você fica tomando conta deles⁸”.
 AP.: Sim. [risos de todos]
 H.: É sempre tem que ter um que, né...fica junto, né? Não pode deixar o casal sozinho, né? Um velho, né?
 AP.: É.
 H.: Eu não. Eu não dou pra isso não, eu tenho meu coração assim muito legal, sabe?
 AP.: Ahã.
 H.: Bom, né? Eu sou boa pra todo mundo, faço o bem pra todo mundo. Bate aqui: -“Dona Ina, to precisando de um remedinho.” -“Peraí que eu vou lá ver se tem.”. Vou lá correndo, pego o remédio, dou pro pessoal.
 AP.: Ahã.
 H.: Se tiver sentindo alguma dor, alguma coisa, tô aqui.
 AP.: Eh... e o trabalho quando a senhora... a senhora trabalhava?
 H.: Eu trabalhava fora.
 AP.: Trabalhava fora?
 H.: Eu trabalhava no Ponto Cem Réis, uma fabrinha de doce ali. Fábrica de doce de Niterói.
 AP.: Ah, uma fábrica de doce? A senhora fazia o que lá?
 H.: Enrolava bala.
 AP.: Ah, enrolava bala.
 H.: E vendia doce. [incompreensível]
 AP.: Ah, sim. Eh...
 A.: Essa fábrica existe ainda ou não?
 H.: Hum? Não, não, não. Ela não existe mais não. Já venderam, passaram pra outra pessoa.
 A.: Qual era o nome da fábrica? A senhora lembra?
 H.: Ali?
 A.: É.
 H.: O dono...Américo.
 AP.: Fábrica Américo?
 H.: Não, o dono da fábrica.
 A.: O dono era Américo.
 AP.: E o nome da fábrica? A senhora lembra?
 H.: Não.
 AP.: Existe ainda essa fábrica? Ou não, não existe mais?
 H.: Não, não existe mais. O pessoal até parece que já morreram.
 AP.: Já morreram?
 M.: Aí quando a fábrica acabou?
 H.: Hein?
 M.: Quando a fábrica acabou a senhora trabalhou em que?

⁸ Pais da Dona Heroína.

H.: Não. Fiquei dentro de casa.
M.: Virou dona de casa?
H.: Fiquei cuidando da casa. Cuidando da minha mãe, né? Senhora de idade, né? Não podia deixar sozinha, né?
AP: Ahã.
M: A senhora morava com os pais mesmo depois de casada?
H.: Sempre. Depois. Junto com eles.
AP: Sua relação com eles era boa, né? A senhora falou isso.
H.: Boa. Legal.
AP: Eh, e o seu marido trabalhava em que?
H.: Meu marido era...pedreiro.
AP: Pedreiro? Ele hoje é aposentado?
H.: É.
AP.: E a senhora também?
H.: É.
AP.: Mas, ele era pedreiro?
H.: Era.
A.: Ele trabalhava por aqui, por perto?
H.: Ele colocava assim...ladrilho, piso no chão, né?
A.: Ele trabalhava aqui por perto ou ele ia pro Rio...?
H.: Não. Ele ia lá pra Assembléia. Trabalhava...ele trabalhou na obra da Assembléia.
AP: Da Assembléia?
H.: É.
AP.: Ah sim.
AP: E quando a senhora...
A.: Assembléia, a senhora diz é...o que é que é?
H.: Aqui... embaixo. Assembléia fazia obra lá. Então, ele era empregado de lá.
A.: É Assembléia dos deputados, não?
H.: É.
A.: Era?
[Incompreensível]
AP.: Quando a senhora cresceu, ficou adulta, a senhora percebeu algumas mudanças nas comemorações do bairro, no Carnaval, na Festa de Araribóia? Houve mudanças? A senhora percebeu? Eh... os políticos continuaram vindo, participando? As pessoas continuaram vindo?
H.: Ah, continuaram. A pracinha ficava cheia de carro do pessoal lá da Assembléia. Ia todo mundo na festa. Era todo mundo reunido, né?
AP.: Todo mundo participava?
H.: Participava. Tirava retrato ali na pracinha.
AP.: Sim tanto no dia de Araribóia quanto na festa de São Lourenço?
H.: Todo ano.
AP: Quanto no carnaval...
AP.: E o lazer? Assim, quando vocês já são adultos? O lazer, qual foi o lazer de vocês? A senhora lembra? Tirando os dias de festa, além do trabalho...
H.: Hein?
S.: [Incompreensível]
A.: Saía pra passear?

H.: Ah, eu saía pra passear.
A.: Ia aonde?
H.: Ia ver o carnaval lá embaixo.
A.: Ah é?
H.: É. Porque eu sou muito animada. Eu gosto de carnaval. [risos de todos] É quando eu sou, eu gosto até o fim, não adianta que eu não vou mentir, né? Eu gosto de festa. Sou alegre. Sou animada. Entende?
AP.: Ahã.
H.: Faço amizade com todo mundo. [risos]
AP.: A senhora falou que a senhora trabalhou na fábrica de doce.
H.: De doce.
AP.: Eh, como que a senhora foi trabalhar? Por que? O que levou que lavou a senhora...
S.: Como é que a senhora conseguiu...?
H.: Ah... Eu tinha quatorze anos.
AP.: Tinha quatorze anos quando a senhora...Ah, então, a senhora foi com quatorze anos.
H.: É. Foi.
AP.: Hã...e...
H.: E quando foi pra casar aí eu saí do emprego.
AP.: Ah, a senhora saiu pra casar. E aí a senhora foi cuidar da casa...
H.: Aí eu fiquei em casa, cuidando da casa, dona de casa.
AP.: Sim, sim. E a senhora foi trabalhar porque precisava ajudar em casa, à família...
H.: É, é, precisava.
A.: E a fábrica era aqui perto?
H.: Era aqui perto, no Ponto Cem Réis.
A.: A senhora ia andando ou de...?
H.: Ia, ia, é perto.
A.: Pertinho?
H.: Não precisava pegar condução não.
[Silêncio]
H.: Pobre, eu era carente.[risos da Dona Heroína e da Ana Paula] Ainda sou carente até hoje.
AP.: Sim...
[risos de Heroína]
H.: Eu levo a vida assim, rindo e brincando. Tenho minha filha doente, mas...eu também ensino a ela a também ser assim igual a mim, né? Porque...a gente tem que, né? Dizer o que é, né?
AP.: Claro!
[risos de Dona Heroína]
AP.: E a relação, eh..., de, do bairro São Lourenço e de Niterói com o Rio?
H.: Os vizinhos são tudo unido.
AP.: Não, com o Rio, com o Rio de Janeiro. Muita gente aqui vai trabalhar lá...
H.: Ah, tem pessoas que vai.
AP.: ... no Rio?
AP.: Vai trabalhar lá? Em que eles vão trabalhar?
H.: Em escritório, né?
A.: Ahã.

AP.: Escritório? Então tem uma relação muito grande entre o bairro de São Lourenço, as pessoas do bairro de São Lourenço...

H.: Tem. Aqui mesmo tem uma.⁹

AP.: É...que trabalha lá?

H.: É. Neta de Seu Valentim.

A.: E quando a senhora era mais nova tinha gente que ia trabalhar no Rio? Aqui da...do bairro?

H.: Tinha.

AP.: Tinha mais gente do que hoje? Ou tinha menos gente do que hoje?

H.: Não. Normal, né?

AP.: Mesma quantidade?

H.: Mesma quantidade.

AP.: É?

A.: E trabalhava em que? A senhora lembra? Lá no Rio?

H.: O pessoal?

A.: É.

H.: Fábrica, né.

A.: Fábrica também?

A.: E depois que construíram a ponte o que que mudou aqui em Niterói?

H.: Ficou a mesma coisa.

AP.: A mesma coisa? Não aumentou o número de pessoas...

A.: Não veio mais gente?

AP.: É, as pessoas iam pro Rio ou as pessoas que vinham de lá pra cá?

H.: Ainda continua. O pessoal aqui nos fundos tem uns que trabalha no Rio. Que vai, vem...

AP.: Mas, facilitou o contato?

H.: Facilitou.

[Incompreensível]

AP.: A senhora vai muito ao Rio ou foi muito ao Rio no passado? A senhora ia muito ao Rio?

H.: Não. Quase não...eu não sou muito de passear pro Rio não.

A.: Ahã.

H.: Eu só passeio por aqui, pela redondeza.

A.: Ahã.

H.: [risos] Eu não saio da redondeza, não. Eu fico por aqui mesmo.

AP.: E o seu marido? Vai muito pro Rio ou ia muito pro Rio quando era mais...

H.: Não. Ele ficava por aqui mesmo.

AP.: Ficava por aqui?

H.: É.

AP.: A maioria dos amigos...ficava tudo por aqui?

H.: É. Tudo junto, é. É, tudo por aqui.

AP.: Escola...

H.: Tudo por aqui.

AP.: Tudo por aqui, né?

AP.: É, e hoje em dia, eh..., a senhora observa muita mudança no...no bairro? Ah...aumento de violência [incompreensível]...

⁹ Entrevistada abaixa o tom de voz e aponta para a casa do lado.

H.: Não. Aqui não tem violência, não tem não.
 AP.: Não tem?
 H.: Aqui é calmo.
 AP.: Sempre calmo, né?
 H.: Aqui é calmo.
 AP.: Sei.
 A.: E o ...
 H.: Aqui é um morro, lá é outro¹⁰, separado.
 AP.: Ah, sim.
 H.: Entende?
 AP.: Entendo.
 AP.: Aí...
 H.: Aqui é o Morro de São Lourenço.
 A.: Sim.
 Ap.: Ahã.
 H.: ...mas, lá é outro, né.
 AP.: Lá é outro?
 AP.: Então, não tem problema.
 A.: É separado...
 H.: Não tem problema. Pode sair a hora que quiser, ir a uma festinha, a um baile, pode vir a hora que quiser, tranqüilo.
 AP.: Pode vim? Todo mundo vem que não tem problema nenhum.
 H.: Que não tem problema.
 AP.: E tem muitas festas aqui? Bailes,...
 H.: Tem.
 AP.: ...festas? Que o pessoal dos outros bairros venham?
 H.: Vem.
 AP.: Tem?
 H.: Ali tem uma sede lá no lado, né?
 AP.: Hã?
 H.: Ali sempre eles faz festas, pro pessoal, as crianças brincar ali. Dá bailinho pras crianças brincar.
 AP.: É. E...e mudanças, eh..., muitas pessoas foram embora daqui? Não moram mais aqui...?
 H.: Tem. Vem sempre visitar, vem procurar.
 AP.: Vem sempre procurar?
 H.: Vem, vem.
 AP.: As pessoas vão, mas voltam?
 H.: É. São amigos, né?
 AP.: São amigos?
 H.: É. Faz...amizade, né?
 AP.: Não perdem o contato?
 H.: Não.
 AP.: Não perdem?
 H.: Não perde.

¹⁰ Entrevistada aponta para o Morro da Boa Vista.

AP.: Eh...a senhora tem uma filha?
H.: Eu tenho uma só.
AP.: Uma só. Que a senhora cuida dela?
H.: É essa que é doente.
AP.: Como é que é o seu dia-a-dia cuidando dela? A senhora pode falar? Pra gente?
H.: Sou eu que cuido dela. Não, não tem...
AP.: A senhora cuida dela sozinha?
H.: Sozinha. A luta é minha.
A.: Ela tem quantos anos?
H.: Ela?
A.: É.
H.: Ela tem cinqüenta e dois anos.
AP.: Cinqüenta e dois?
A.: Qual o nome dela?
H.: Vê quantos anos que, hein?
H.: Marilza da Cunha Lopes.
A.: E os irmãos da senhora são mais velhos ou eles são mais novos?
H.: Não, meu irmão morreu já.
A.: E a sua irmã é mais velha?
H.: Eu que sou mais velha do que ela.
AP.: E a senhora tem sobrinhos?
H.: Ah, tem mas mora tudo pra lá, pra Volta Redonda.
AP.: Mora pra Volta Redonda?
H.: É. Porque a mãe ficou por lá, né? Aí eles ficaram perto da mãe também lá. Cada um foi alugando casa perto um do outro lá.
AP.: Todo mundo mora junto lá em Volta Redonda. E o que eles fazem? Eles trabalham em que? A senhora sabe em que que eles trabalham?
H.: Não. Uma trabalhava no...no...hospital. Uma era enfermeira.
AP.: Enfermeira.
H.: É. E a outra...foi pra São Paulo. Trabalhava em São Paulo.
AP.: Estudaram?
H.: É. Estudaram. Ginásio. Se formaram aí cada um foi procurar sua vida.
AP.: Procurar sua vida.
H.: É.
A.: E a senhora mantém contato com...com a sua irmã?
H.: Tem.
A.: Ela vem aqui?
H.: Ela vem aqui me visitar, visitar minha filha. Ela é a madrinha da minha filha.
AP.: Então ela vem com freqüência a São Lourenço?
H.: Vem, vem. Ela veio, né. Esse ano ela já veio.
A.: Vem nos dias de festa?
H.: Vem.
A.: Vem?
H.: Vem, vem.
AP.: Eh...e como é que é a conservação da Igreja? Vocês, eh... cuidam muito da Igreja?
H.: Ah, lá tem uma moça que...uma senhora que faz faxina, né?
AP.: Faz faxina?

H.: Cuida da casa, da, da, da Igreja. Vem uma vez por semana pra limpar...
AP.: Muita gente vem visitar a Igreja?
H.: Vem, vem. Vem gente de fora no ônibus especial, né?
AP.: Ahã. Vem e tira foto?
H.: Vem.
AP.: Fazem perguntas pra vocês assim como a gente?
H.: Ah, eles tiram foto da Igreja. Oh, tiraram antes de reformar, né. Eles tiraram. Agora depois que endireitou eles já vieram de novo.
AP.: Já vieram de novo?
H.: Vocês não entraram lá dentro da Igreja não?
AP.: Não.
H.: Ah, São Lourenço tá bonito.
A.: Tá bonito...
H.: Tá todo pintado de pó de ouro, né?
AP.: Eh, todo pintado de pó de ouro? [risos]
[Incompreensível]
M.: As pessoas são muito religiosas aqui?
H.: São. Todo domingo vão na missa.
AP.: Vão na missa?
H.: A missa é nove e meia, né. Começa nove e meia.
A.: E a senhora vai? Vai na missa?
H.: Vou. Todo domingo eu vou. Eu não perco uma missa.
[risos da Ana Paula]
AP.: Tá sempre na missa.
H.: É, sempre tô indo à missa rezar, pedir a Deus, né? A nossa saúde e saúde pra todos, né? Pros colegas, pro pessoal, os vizinho. É importante, né?
AP.: Claro. [riso]
AP.: Eh...ultimamente, eh, o...
H.: Nós se damos bem com os vizinho, né?
AP.: É.
H.: Os vizinhos são bons.
AP.: Ultimamente houve festas aqui, nessa última temporada, agora teve a festa de São Lourenço, a festa de Araribóia...
H.: Teve, teve.
AP.: Né? Como é que foi a festa? A de agora, desse ano? As festas desse ano, com é que foi?
H.: Foi boa. Teve a missa, né?
AP.: Teve a missa?
H.: Só teve a missa só.
AP.: Só teve a missa? Não teve nenhuma festa depois da missa?
H.: Não, não. Depois da festa não teve missa, não.
AP.: Depois da missa não teve festa?
H.: É. [risos] Só teve a missa.
A.: E Dona Heroína, quando a senhora era mais nova...
H.: Hã.
A.: ...como que era aqui a...o bairro, a pracinha, tinha isso...tinha paralelepípedo ou era chão? Como que era?

H.: Não, não era calçado não.
A.: Como que era?
H.: Quando...no meu tempo, quando eu era criança era tudo chão, né. Assim, sem calçar. Depois que eles foram calçando.
AP.: Depois que foram calçando?
H.: É.
A.: E, e o, e o prefeito vinha aqui?
H.: Veio, veio.
A.: Os políticos vinham...
A.: E eles perguntavam, perguntavam se precisava de alguma coisa? Eles conversavam com...
H.: Conversavam.
AP.: Eles vinham sempre ou só quando tinha festa ou quando era época de eleição?
H.: Não. Só vinha só quando era, tinha festa do Araribóia, do São Lourenço. São Lourenço sai a procissão também.
AP.: Ahã.
H.: Sai a procissão, vai ali pela rua Indígena pra aquela Igreja de Santana.
AP.: Ahã.
H.: Aí dá aquela volta, sobe aqui o morro todo pra trazer São Lourenço de novo pra Igreja.
AP.: E na época das eleições eles vinham? Vem ainda?
H.: Ainda costuma vim.
AP.: Costuma vim?
H.: Tem uns que vem.
AP.: E depois eles voltam? Além do dia de festa?
H.: Vem.
AP.: Continua voltando?
H.: Continua voltando.
AP.: E agora nas festas, estas últimas, eles tiveram aqui? Muitos políticos, muitas pessoas de fora?
H.: Ah, teve.
AP.: É?
H.: Veio sim.
AP.: E é bom? A vinda deles aqui, é bom conhecê-los?
H.: É. Todo mundo [incompreensível]. Eles faz amizade com a gente, vem conversar, tira retrato junto. [risos] Ali na pracinha.
AP.: Ahã.
A.: Sempre foi assim?
H.: Sempre foi assim. Tudo amigo.
A.: Quando a senhora era garota e aí...
H.: É.
A.: ...depois quando casou...
H.: Continuou.
A.: Eles vieram?
H.: Vieram.
A.: Perguntaram se precisava de alguma coisa? E aí...
H.: Ainda estou precisando. Minha cerca tá caindo [risos].
A.: É.

[ruídos]

H.: Com essa chuva [risos]. Caiu tudo. Eu tô precisando fazer o muro ali, mas tô esperando tutu¹¹.

AP.: É. E a senhora acha que eles podem aparecer pra ajudar a senhora?

H.: Hã...não sei, né? Porque às vezes faz promessa e não vem, né?

AP.: E não vem?

H.: Promete, mas não vem, né?

[ruídos]

H.: Bem que eu tô precisando.

A.: A gente pode voltar outro dia?

H.: Pode.

S.: Que a gente acha que a gente fez as perguntas que a gente tava na cabeça. Só que...

H.: Esqueceu de alguma coisa.

A e S.: É.

AP.: Não. É porque pode ser preciso aprofundar mais em alguns pontos.

H.: Sei.

AP.: Aí a gente pode voltar?

H.: Pode.

JL.¹²: A gente vai escutar a fita...

AP.: A gente vai escutar, analisar a entrevista e de repente a gente volta.

M.: Tem telefone?

H.: Hein?

M.: A senhora tem telefone?

H.: Tem.

M.: Então, a gente pode anotar o telefone...

AP: Então, muito obrigada. A gente vai anotar o seu telefone.

H.: Tá. Deixa eu pegar.

AP.: Qualquer coisa a gente retorna.

¹¹ Dinheiro.

¹² Um dos componentes do grupo que assistia à entrevista.